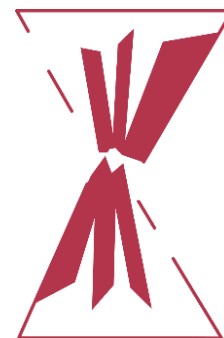


Anatomia do Fascismo-Neoliberal: uma análise da obra de Tarso Cabral Violin

Anatomy of Neoliberal Fascism: An Analysis of Tarso Cabral Violin's Work



TAVARES, Paulo Afonso*

 <https://orcid.org/0000-0002-6950-6451>

VIOLIN, Tarso Cabral. *Bolsonarismo: o fascismo-neoliberal brasileiro do século XXI*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

Recebido em: 17/08/2025

Aprovado em: 20/11/2025

Em um cenário global de crescente ceticismo em relação às instituições e de evidentes riscos à estabilidade dos regimes democráticos, a tarefa do intelectual se reveste de uma urgência particular. A democracia, como adverte Enrique Ricardo Lewandowski, não é um dado estático, mas uma construção contínua, de modo que “democracia hoje significa lutar pela concretização dos direitos humanos” (Lewandowski, 2019 *apud* Violin, 2022, p. 11). Imbuído desse compromisso ético e intelectual, o jurista e professor Tarso Cabral Violin se dedica, em sua obra *Bolsonarismo: o Fascismo Neoliberal Brasileiro do Século XXI*, a uma rigorosa e corajosa dissecação de um dos mais complexos fenômenos políticos da história

* Mestre em Desenvolvimento e Planejamento Territorial e em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia (GO). Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia (GO), e mestrando em Direito Constitucional Econômico no Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA), Goiânia (GO). E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com.



recente do Brasil. A obra, fruto de sua pesquisa de pós-doutorado em Direito do Estado na Universidade de São Paulo (USP), sob supervisão do ex-ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e atual ministro da Justiça e Segurança Pública, Enrique Ricardo Lewandowski, não se limita a um diagnóstico superficial. Pelo contrário, mergulha nas raízes históricas e teóricas do fascismo e do neoliberalismo para compreender suas manifestações e sua perigosa articulação no contexto brasileiro contemporâneo. O estudo mostra-se essencial não apenas para juristas, mas para todos os interessados nos rumos do Estado e da democracia.

Nesse contexto, a autoridade com que o tema é tratado reflete a sólida trajetória acadêmica e profissional do seu autor. Tarso Cabral Violin é doutor pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pós-doutor em Direito do Estado pela USP, atuando como advogado e professor titular em Direito Administrativo, Constitucional e Teoria do Estado. Sua produção intelectual anterior, com obras sobre parcerias com a Administração Pública e a democratização dos meios de comunicação, já indicava preocupação com as interseções entre Estado, Direito e democracia, credenciando-o como voz qualificada para a análise que se propõe a fazer. Sua atuação como vice-coordenador de núcleo de pesquisa na UFPR e apresentador de programa de debates reforça seu engajamento na esfera pública. Essa vivência prática, somada ao seu rigor acadêmico, consolida sua posição como um intelectual comprometido com a defesa da democracia, o que se reflete na profundidade da análise política apresentada na obra.

O livro está estruturado em três partes centrais, que se desdobram de forma didática e progressiva. Para tanto, na primeira parte, Violin constrói um sólido referencial teórico sobre o fascismo. De maneira meticulosa, ele revisita um vasto leque de autores, desde os clássicos do período entreguerras, como Pachukanis e Clara Zetkin, até pensadores contemporâneos, como Umberto Eco, Michael Mann e Jason Stanley, que oferecem ferramentas para identificar o fascismo além de suas manifestações históricas italiana e alemã. A segunda parte é dedicada a uma análise crítica do neoliberalismo, compreendido não como contraponto ao autoritarismo, mas como componente funcional do novo arranjo de poder. Por fim, a terceira e mais extensa parte aplica esse arcabouço teórico ao caso brasileiro, traçando paralelos com o integralismo e dissecando as características definidoras do bolsonarismo. Para o autor, o fenômeno transcende a mera figura de um líder, sendo caracterizado como o “fascismo brasileiro do século XXI” (Violin, 2022, p. 17). Violin define o bolsonarismo como um “movimento fascista-ultraneoliberal” (Violin, 2022, p. 144) que opera em uma “profunda

conjugação com o neoliberalismo”, funcionando como a “face dura” necessária para a implementação de políticas econômicas radicais em um contexto de crise (Violin, 2022, p. 97). Nessa perspectiva, o bolsonarismo é apresentado como um ideário:

reacionário, totalitário, de Estado máximo, com a defesa de um militarismo sem críticas, armamentismo, guerra ao inimigo interno e externo, ataque à política e aos políticos, ataque às instituições democráticas, como os Paramentos, o Poder Judiciário e à imprensa, entre outras características (Violin, 2022, p. 19).

Ao explorar esse conceito, a obra demonstra que o movimento se utiliza de táticas como o “tradicionalismo, irracionalismo, recusa da modernidade” (Violin, 2022, p. 121) e o “apoio acrítico à hierarquia militar e ao líder que representa os anseios do povo sem intermediários” (Violin, 2022, p. 101), configurando o que o autor denomina inicialmente como um estágio de “protofascismo” com potencial de consolidação totalitária (Violin, 2022, p. 20).

O estudo se propõe, assim, a “subsidiar o debate brasileiro sobre o tema, sob o ponto de vista da Teoria do Estado, e analisar as contribuições da doutrina clássica e atual sobre o tema” (Violin, 2022, p. 20). Essa estrutura permite que o leitor acompanhe a construção do raciocínio do autor passo a passo, compreendendo primeiro as bases conceituais para depois analisar sua aplicação ao objeto de estudo.

A força da obra de Tarso Cabral Violin encontra-se, antes de tudo, na forma meticulosa como constrói seu alicerce conceitual sobre o fascismo. Em vez de adotar o termo como adjetivo vago, o autor dedica a primeira e mais densa parte do livro a uma arqueologia do conceito. Esse percurso começa com uma contextualização histórica do fascismo italiano, mostrando como o movimento liderado por Benito Mussolini se metamorfoseou, passando de discurso sindicalista para uma aliança pragmática com o grande capital, que via nos *Fasci di Combattimento*¹ uma força extralegal para aniquilar a organização dos trabalhadores.

Para desvendar a lógica interna desse fenômeno, Violin recorre a uma pluralidade de teóricos, criando um painel robusto para sua análise. A perspectiva do jurista soviético Evguiéni Pachukanis, por exemplo, é mobilizada para caracterizar o fascismo, em sua essência, como uma “ditadura dos grandes industriais e do capital financeiro” (Violin, 2022, p. 46). Ainda

¹ Grupo criado por Mussolini em 1919 para atacar os grevistas e os jornais de esquerda (Violin, 2022, p. 30).

assim, a contribuição fundamental de Pachukanis, destacada por Violin, está na distinção de sua práxis repressiva. Diferentemente de outras ditaduras, o fascismo se notabiliza por sua dualidade, com “perseguições, prisões, mortes, destruições e condenações empreendidas não apenas pelos órgãos oficiais do Estado, mas também pelos bandos fascistas milicianos” (Violin, 2022, p. 46). Essa atuação de um Estado dentro do Estado é ponto nevrálgico para a compreensão do método fascista.

Já a contribuição mais significativa para o ferramental analítico do livro vem da incorporação de leituras contemporâneas que buscam identificar a essência do fascismo para além de sua manifestação histórica. Nesse ponto, a recuperação das características do Ur-Fascismo ou fascismo eterno, de Umberto Eco, é central. Violin utiliza essa tipologia como guia para diagnosticar os sintomas do fascismo em qualquer tempo. Dentre os traços elencados, o autor sublinha a importância de reconhecer seis aspectos fundamentais para a identificação do fascismo eterno: a) o culto da tradição, que se manifesta na crença de que “não pode existir o avanço do saber” (Violin, 2022, p. 54), gerando hostilidade a tudo o que é novo ou crítico; b) a rejeição à modernidade, expressa como um profundo irracionalismo e o “culto da ação pela ação”, em que o pensamento é visto como forma de fraqueza e a universidade como “ninho de comunistas” (Violin, 2022, p. 54); c) a intolerância à crítica, pois, para a lógica fascista, “desacordo é traição” (Violin, 2022, p. 54); d) o medo da diferença, em que o dissenso, motor do conhecimento na cultura moderna, passa a ser visto como ameaça à unidade mítica da nação (Violin, 2022, p. 54); e) a obsessão pela conspiração, que nutre o nacionalismo e a xenofobia, sob a premissa de que “os únicos que podem fornecer uma identidade às nações são os inimigos” (Violin, 2022, p. 55); e f) o populismo qualitativo, no qual os indivíduos não têm direitos, pois o líder se apresenta como intérprete da vontade comum do povo, minando a legitimidade das instituições representativas (Violin, 2022, p. 56).

Se a análise de Eco oferece os sintomas, a obra de Jason Stanley, também explorada por Violin, revela as táticas e a mecânica de seu funcionamento. O autor demonstra como a “política do ‘nós’ e ‘eles’” (Violin, 2022, p. 61) opera para dividir a sociedade e legitimar a opressão. Violin detalha minuciosamente essas estratégias. Uma delas é a construção de um passado mítico, que retrata uma nação patriarcal e gloriosa, “perdido pela humilhação provocada pela globalização, pelo cosmopolitismo liberal, e pelo respeito por valores universais, como a igualdade” (Violin, 2022, p. 61). Outra tática fundamental é a propaganda, que atua para “mascarar a corrupção sob o disfarce de anticorrupção”, uma estratégia que

Stanley considera “marcante da propaganda fascista” (Violin, 2022, p. 62). A política fascista também se ancora no anti-intelectualismo e na criação da irreabilidade, buscando empobrecer o discurso público para que a emoção se sobreponha à razão, como no exemplo de Hitler citado por Violin, em que, “a capacidade receptiva das massas é muito limitada, e sua compreensão é pequena” com “grande poder de esquecer” (Violin, 2022, p. 64). Por fim, a retórica da lei e da ordem é sempre aplicada de forma assimétrica, de modo que “‘eles’ sejam os criminosos, e ‘nós’ apenas cometemos erros” (Violin, 2022, p. 66).

Construída essa base conceitual robusta sobre o fascismo, com suas características e táticas, o autor avança para o segundo pilar de sua tese, a análise do neoliberalismo, que surge como o motor econômico articulado a essa política autoritária. Longe de ser um mero pano de fundo econômico, o neoliberalismo é apresentado como um componente intrínseco e funcional do autoritarismo contemporâneo. O autor o define como um projeto de classe, citando David Harvey, que, sob a retórica da liberdade individual e da eficiência do mercado, promoveu uma imensa concentração de riqueza e de poder (Violin, 2022, p. 75). Violin caracteriza o Estado neoliberal como entidade paradoxal, um Estado forte que utiliza seu aparato repressivo para “manter o *status quo*, a ordem, a propriedade privada, diminuir o poder dos sindicatos e garantir o equilíbrio do capital” e, ao mesmo tempo, um Estado fraco e mínimo “nos gastos sociais e na intervenção direta na economia e no social” (Violin, 2022, p. 76).

É na intersecção desses dois conceitos que se encontra a contribuição mais original da obra. Nesse ínterim, Violin sustenta que o fascismo e o neoliberalismo, longe de serem incompatíveis, formam uma simbiose no cenário político atual. Apoiando-se em Antonio Negri, o autor argumenta que o fascismo se apresenta “como a face dura do neoliberalismo” (Violin, 2022, p. 97). A lógica dessa articulação é direta. As políticas neoliberais, ao gerarem crescente desigualdade e desamparo social, produzem tensões que ameaçam a ordem vigente. Nesse contexto, a força autoritária do fascismo é convocada para reprimir a dissidência e impor, pela coerção, um projeto econômico que seria insustentável em um ambiente plenamente democrático. O autoritarismo torna-se a ferramenta que garante a continuidade de um capitalismo selvagem, no qual, como adverte Marcia Tiburi, “é preciso exterminar a política” (Violin, 2022, p. 97).

A aplicação desse arcabouço teórico ao fenômeno brasileiro constitui o clímax da obra. Violin não trata o bolsonarismo como um evento isolado, mas o insere na longa duração da

história da extrema-direita no país, estabelecendo um paralelo necessário com o integralismo, o “fascismo brasileiro do século XX” (Violin, 2022, p. 89). Ao revisitar o movimento liderado por Plínio Salgado, com o lema “Deus, pátria e família”, estrutura paramilitar e oposição ao liberalismo e ao comunismo, o autor estabelece uma linhagem histórica que ajuda a compreender as raízes do fenômeno atual.

O ponto central da análise, contudo, está na demonstração de como o bolsonarismo encarna as características do fascismo neoliberal. A metodologia de Violin, nesse aspecto, é particularmente eficaz. Em vez de se limitar a paráfrases, ele dedica um capítulo inteiro a transcrever centenas de declarações de Jair Bolsonaro e seus aliados, compiladas por Walter Barreto Jr. Esse método permite que o leitor veja a evidência por si mesmo, confrontando o discurso dos atores políticos com os conceitos teóricos previamente estabelecidos. As falas expostas no livro funcionam como a materialização da ideologia fascista.

Por exemplo, o ataque à democracia e o culto ao passado ditatorial são explicitados em afirmações de Bolsonaro, como “o erro da ditadura foi torturar e não matar” e “através do voto você não vai mudar nada nesse país [...] Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil” (Violin, 2022, p. 128). A hierarquia e o desprezo pelas minorias, descritos por Stanley e Eco, ecoam em diversas declarações. O racismo se manifesta ao tratar sobre quilombolas como “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada!! Eu acho que nem para procriar servem mais” (Violin, 2022, p. 127). A misoginia aparece de forma brutal na frase dirigida a uma deputada “eu não ia estuprar você porque você não merece” (Violin, 2022, p. 130). A homofobia é igualmente explícita: “prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí” (Violin, 2022, p. 129). A incitação à violência é constante, como com a promessa de “fuzilar a petralhada aqui no Acre” e de que “esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (Violin, 2022, p. 128), exemplificando a retórica de guerra contra opositores políticos, que deixam de ser adversários e se tornam inimigos a serem eliminados.

Essa densa articulação entre teoria, história e análise discursiva permite a Violin (2022) chegar a uma conclusão contundente sobre a natureza do fenômeno político que marcou o Brasil no início do século XXI, a de que o bolsonarismo não é um evento isolado, mas a consolidação de um movimento fascista-ultraneoliberal que utiliza o autoritarismo como

ferramenta necessária para viabilizar um projeto econômico de exclusão, colocando em xeque as garantias do Estado Social e Democrático de Direito.

Em síntese, a obra *Bolsonarismo: o Fascismo Neoliberal Brasileiro do Século XXI* afirma-se como uma análise de fôlego e de inegável relevância. Sua principal virtude está na recusa às simplificações, Tarso Cabral Violin não se contenta em adjetivar o fenômeno que estuda, e sim o dissecar, demonstrando com rigor metodológico como as engrenagens do fascismo e do neoliberalismo se acoplam para produzir uma forma de poder autoritária, antidemocrática e socialmente destrutiva. A trajetória argumentativa do autor é clara. Primeiro estabelece as bases conceituais, em seguida as articula em uma tese original, e por fim demonstra sua validade por meio da análise do discurso e das práticas do bolsonarismo.

O próprio autor, em um gesto de honestidade intelectual, apresenta visões que poderiam divergir da sua, como a de Roger Eatwell e Matthew Goodwin, que preferem o termo “nacional-populismo” para descrever movimentos contemporâneos de direita, negando que sejam fascistas, pois, segundo eles, “operam no interior de sistemas democráticos maduros” (Violin, 2022, p. 114). Contudo, como Violin, em defesa de seu ponto de vista, argumenta que esses teóricos “excepcionalizam o Brasil e a Europa Oriental dessa maturidade democrática” (Violin, 2022, p. 114), o que, por si só, enfraquece a aplicação de seu modelo ao caso brasileiro e reforça a pertinência de uma análise mais atenta aos traços autoritários. A ressalva, assim, serve menos para invalidar a tese de Violin e mais para destacar a excepcionalidade e a gravidade do fenômeno no Brasil.

Ao final, o que a obra oferece é um diagnóstico preciso e um alerta fundamental. A análise minuciosa das táticas, dos discursos e das bases ideológicas do bolsonarismo impede que ele seja tratado como um mero acidente de percurso ou um fenômeno folclórico. Trata-se, como Violin demonstra, de um projeto político com método, estratégia e objetivos claros, cujas semelhanças com experiências fascistas do século XX não podem ser ignoradas. A conclusão do autor é, portanto, contundente e inescapável:

Concluimos no sentido de que o Brasil, que já contou com um movimento fascista forte nos anos 1930, com o Integralismo, e com um movimento neoliberal forte desde os anos 1990 no Século XX, conta hoje com o chamado Bolsonarismo, que nada mais é do que um movimento fascista-ultraneoliberal em pleno Século XXI, quando imaginávamos que as conquistas do Estado Social e Democrático de Direito previsto na Constituição de 1988 já estavam consolidadas ou pelo menos no caminho de uma implementação ideal (Violin, 2022, p. 144-145).

Dessa maneira, o livro de Tarso Cabral Violin se impõe como uma obra de referência, de leitura obrigatória para todos que buscam compreender as profundas transformações e os imensos desafios que marcam o Brasil contemporâneo. Ao final da leitura, fica a sensação de que, embora o diagnóstico seja duro, a análise crítica é a primeira e mais indispensável ferramenta para a resistência. Talvez por isso, Violin encerre seu trabalho não com desespero, mas com a resiliência poética de Mário Quintana, um lembrete de que, embora os autoritarismos se imponham, a vocação da vida e do pensamento crítico é a de persistir. “Eles passarão... / Eu passarinho!” (Violin, 2022, p. 145).

Referências

VIOLIN, Tarso Cabral. *Bolsonarismo: o fascismo-neoliberal brasileiro do século XXI*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.